

O ensino da administração com ênfase no empreendedorismo no século XXI

L. A. de Almeida.¹; N. de L. N. Silva.²; S. C. O. dos Santos.³

¹Mestrando em Educação pela Universidade Lusófona de Portugal, Pós-graduado em Finanças Empresariais da Universidade Estadual de Feira de Santana e Graduado em Administração pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

² Pós-graduanda em Gestão de Pessoas com ênfase em Gestão por Competências da Universidade Federal da Bahia - UFBA São Gonçalo dos Campos Bahia- Brasil, Pós-graduada em MBA em Gerencia de Projetos pelo Instituto Ateneu, Graduada em Administração pela Faculdade de Santo Amaro.

³Pós-graduada em MBA em Gerência de Projetos pelo Instituto Ateneu, Graduada em Serviço Social pela Faculdade de Santo Amaro.

E-mail: leofirmo@uol.com.br; neuza02lima@gmail.com; saracristhina@gmail.com

COMO CITAR O ARTIGO:

ALMEIDA, L. A.; SILVA, N. L. N.; SANTOS, S. C. O. **O ensino da administração com ênfase no empreendedorismo no século XXI**. URL:www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.10, n.2, p. 186-204, abr/2018.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo realizar uma análise sobre o ensino de empreendedorismo, abordando os impactos do tecnicismo e do neotecnicismo para as práticas pedagógicas escolares, tentando demonstrar os fatores sociais que originaram essas mudanças na educação em cada momento histórico. Parte-se da ideia de que o trabalho pedagógico no cotidiano das escolas não pode ser desvinculado do seu contexto social, principalmente o vínculo do trabalho produtivo na sociedade capitalista. A importância do tema empreendedorismo para os discentes de administração do Brasil é de proporcionar competências que lhes deem condições de criar seu próprio negócio e conseqüentemente o auto emprego nessa sociedade altamente competitiva.

Palavras-chaves: Empreendedorismo, Tecnicismo, Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This article aims to conduct an analysis on the education teaching with an emphasis on entrepreneurship, addressing the impacts of technicality and neo-tecnicism for teaching practices, trying to demonstrate the social factors that gave rise to such changes in education in each historical moment. It starts with the idea that the pedagogical work in primary education schools cannot be detached from its social context, especially the bond of productive labor in capitalist society. The importance of entrepreneurship theme for Brazil Administration students is to provide skills that give them a position to create their own business and consequently self-employment in this highly competitive society.

Keywords: Entrepreneurship, Technicality, Pedagogical Practices.

Na década de 1960 o Brasil viveu um período de crescimento e desenvolvimento econômico, mas a baixa produtividade do ensino era um fator que impedia o governo de pôr em prática o desejo de ser uma potência mundial. Na esfera da economia, a produtividade é a relação entre aquilo que é produzido e os meios empregados (mão-de-obra, materiais, energia, etc.).

Para Poter (1999), a produtividade está associada à eficiência e ao tempo: quanto menor for o tempo levado para obter o resultado pretendido, mais produtivo será o sistema, logo funcionários pouco qualificados provocam baixa produtividade. Através de uma parceria com os Estados Unidos difundiu-se as ideias relacionadas à organização racional do trabalho (taylorismo e fordismo) e a criação de uma pedagogia tecnicista.

A pedagogia tecnicista buscou planejar a educação de um modo que dotasse uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência. Dessa forma o papel do professor seria minimizado pela estrutura.

Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor, que era ao mesmo tempo o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório; e se na pedagogia nova a iniciativa se desloca para o aluno, situando-se o nervo da ação educativa na relação professor-aluno, portanto relação interpessoal e intersubjetiva, na pedagogia tecnicista o elemento principal passa a ser a organização racionais dos meios ocupando o professor e aluno posições secundárias relegadas que são a condição de escutadores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos e imparciais. A organização do processo converte-se na garantia da eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos da sua intervenção. (Saviani, 2005, p.12).

Segundo Lukesi (2003), percebe-se que a pedagogia tecnicista ainda é muito presente nas escolas brasileiras no século XXI, pois um número considerável delas não trabalha a criatividade e nem incentiva aos discentes a aprender sozinhos, empataando o progresso de uma sociedade que deseja ser moderna e que exige das pessoas flexibilidade, adaptabilidade às mudanças do mundo atual e, como consequência, uma maior autonomia. Este é o ponto da crise no ensino da Administração, com emergente necessidade de combater o tecnicismo, como o fim do modelo taylorista/fordista, para necessidade de um novo paradigma baseado na análise de todo ambiente organizacional e na tomada de decisões estratégicas.

Arendt (2005) defende que uma crise é o fenômeno que influencia a humanidade a encontrar o ponto crítico do erro, e considera-se que a crise na educação se encontra dois aspectos: o professor que é dono da verdade e a criança quando aprende na prática. Esse aprendizado, dependendo de suas influências através dos professores, é que vai definir o padrão de comportamento profissional na formação de cada pessoa.

Os alunos brasileiros pouco inovadores e criativos, devido à crise na educação, situação citada por autores como Martins (2012) e Capucha (2011), têm seu perfil agravado com a crise do trabalho e a evolução do desemprego no final dos anos 1990, também citada pelos autores Ramos e Reis (1997), por causa da abertura de mercado e a concorrência externa.

As empresas brasileiras foram obrigadas a demitir em massa e o índice de desemprego ultrapassava um percentual de 16%, segundo dados do PED (Pesquisa de Emprego e Desemprego) e a PME Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.10, n.2 abr/2018

(Pesquisa Mensal de Emprego). Então é incentivado no país que o profissional crie o seu próprio emprego e uma das formas é através da criação de um negócio e, nesse caso, o aluno que está se profissionalizando tem que aprender na prática. Neste artigo vamos tratar do histórico do ensino de Administração desde a sua característica tecnicista aos dias atuais, onde é necessária a formação de alunos com capacidade de inovação e que sejam solucionadores de problemas. Na metodologia foram utilizadas as pesquisas bibliográficas, atreladas à necessidade de conhecimentos em sala de aula, com o ensino voltado ao empreendedorismo.

O ensino da Administração

Desde o término da II Guerra Mundial, o que se observava é o acirramento da bipolarização mundial decorrente da divisão do mundo em dois blocos econômicos: o capitalista, liderado pelos Estados Unidos e o socialista, pela União Soviética, influenciando conseqüentemente o comportamento de mercado. “Entre os modelos enviados pelos americanos para o Brasil, nesse período, está o modelo de produção Fordista/Taylorista”. (SAVIANI, 2005, p 18).

O modelo empresarial em 1964 foi Fordismo e Taylorismo onde o objetivo era encontrar a pessoa certa para o trabalho certo visando ao aumento da produtividade das organizações e lucro do capitalismo. Citados por Martinelli (2009) e Pereira(1964). No final do século XIX e na primeira metade do século XX fizeram surgir a Educação para o trabalho.

Considerando-se que as relações de produção exigem a reprodução das ideias que a suportam, a opção pela tecnologia

educacional configurou-se, então, como a possibilidade de transpor para o sistema de ensino o modelo organizacional característico do sistema empresarial. A pedagogia tecnicista tem como objetivo ser um processo educativo de maneira a torná-lo produtivo, eficiente, objetivo e racional, como num sistema fabril, onde são colocados ao trabalhador vários instrumentos de trabalho, e o mesmo deve se adaptar ao processo de trabalho.

Essa nova forma de conceber a educação atende aos interesses da classe burguesa (nacional e internacional). A educação passa a ser planejada de modo a criar uma organização racional, capaz de minimizar tudo o que pudesse pôr em risco sua eficiência. Para tanto, se tornou necessário operacionalizar os objetivos e mecanizar o processo, surgindo propostas pedagógicas tais como: o microensino, o tele ensino, a instrução programada, as máquinas de ensinar. Outra característica do modelo de produção taylorista/fordista nas indústrias foi a elevadíssima rotatividade de mão de obra, fato acontecido em virtude da chegada de grande número de imigrantes nos Estados Unidos. No caso do Brasil na década de 1960, o alto número de pessoas vindas da Zona rural em busca de Trabalho na área urbana, supriu esta necessidade.

Em 1914, quando entrou em vigor o primeiro plano, ocupávamos 14.000 homens e tínhamos de admitir anualmente 53.000 para manter aquele número. Em 1915 só admitimos 6.508 homens, a maioria chamada graças ao crescimento da empresa. Se continuássemos com o primitivo índice de admissões, seríamos obrigados hoje a tomar 200.000 homens por ano, problema quase insolúvel. Levando-se em consideração que um mínimo de tempo seja necessário para o aprendizado em quase todas as operações das nossas fábricas, seria impossível mudar o pessoal todo o dia, toda semana ou todo o mês. (Ford, 1967, p. 97-98).

Como citou Ford, era necessário ensinar pedagogicamente ao novo trabalhador para que ficasse mais tempo na empresa, pois a rotatividade de funcionário reduz o lucro da empresa e diminui a produtividade, e ensiná-lo a importância das novas organizações além de criar uma cultura de valorização da empresa. A educação nesse período era “concebida como um sistema cujo funcionamento eficaz é essencial ao equilíbrio do sistema social de que faz parte” (SAVIANI 2008, p.383). A função da educação era formar indivíduos aptos a contribuir para o aumento da produtividade.

É nesse sentido que se define as competências do indivíduo e do próprio sistema educacional. Esse método tecnicista onde o professor e alunos são figuras que provocaram no nível médio, o ensino de 1º e 2º graus, o surgimento de matérias técnicas do currículo com objetivos de formar mão de obra barata, lembrando que o modelo taylorista /fordista precisa de gente para trabalhar.

Com o propósito de criar os líderes organizacionais, chegaram ao Brasil os primeiros cursos de Administração na década de 1960, para ensinar as pessoas que planejavam na fábrica as ideias de Fayol sobre controlar, comandar, coordenar, organizar e planejar, fazendo “quem pensava” diferenciar-se de “quem executava”. Com a chegada desse modelo de produção o curso de administração começava a ganhar destaque no Brasil, onde começou em 1931 com a criação do INSTITUTO DA ORGANIZAÇÃO RACIONAL DO TRABALHO – IDORT.

A evolução do curso de administração ocorreu com a globalização, devido a essa busca desenfreada por concorrência de mercado, retorno financeiro e principalmente a necessidade de aumento da produtividade. O objetivo do curso de administração, no período fordista, era a

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.10, n.2 abr/2018

especialização e uso crescente da técnica, tornando imprescindível a presença de profissionais para as diferentes funções de controlar, analisar e planejar as atividades empresariais. As mudanças no trabalho ocorridas nas últimas décadas de acordo com Santos (1995) desenvolveram uma nova forma de capitalismo, onde as empresas transnacionais foram as que detiveram o mecanismo de controle econômico, social, cultural e das pessoas.

O critério determinante das organizações continua sendo produzir mais em menos tempo para fabricar novos produtos, com maior produtividade, sendo necessário alterar os processos técnicos de produção. O novo trabalhador tem que ser polivalente, multifuncional e flexível para garantir uma empregabilidade ou torna-se empreendedor, e para garantir esse novo trabalhador é necessário investir em educação. Com esse objetivo são propostos os diversos mecanismos como: progressão automática, progressão continuada, bem como correção das distorções de idade e série.

De acordo com Freitas (1995), o que está em jogo não é o lado humano e formativo da eliminação da reprovação ou da evasão, mas a questão econômica da relação custo versus benefício. Ele denomina esse processo de ação interna da exclusão, que nada mais é do que um modo de sistema escolar em dissimular as formas de exclusão objetiva (repetência e evasão), criando outras formas de exclusão no interior do próprio processo educativo, em que a culpa pelo fracasso é da própria vítima e a exigência constante da sociedade pela qualificação acentuada através do maior tempo de escolarização.

TABELA 01 - NÚMERO DE CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO NAS DÉCADAS DE 1960 A 2000.

Décadas	Número de cursos
Antes de 1960	2
1960	31
1970	247
1980	305
1990	823
2000	1.462
2010	1.805

Fonte: MEC - Dados compilados pelo Conselho Federal de Administração.

Conforme a tabela acima é possível observar a crescente importância do curso de administração no Brasil. Em 52 anos houve um crescimento de 1.803 cursos. No entanto, o curso de Administração não pode ser mais fordista: é necessário buscar alunos mais criativos, com visão do todo e, principalmente, com as características empreendedoras.

O Desafio do ensino de Empreendedorismo.

Para compreender o significado do empreendedorismo, para Dolabela (1999) e Jones, G & Wadhvani, D.R (2006) é fundamental fazer uma análise da história do empreendedor, a fim de entender as características e o sentido dos empreendimentos e, ao mesmo tempo, constatar suas transformações no decorrer da evolução dos empreendedores individuais.

A palavra empreendedorismo define “o envolvimento de pessoas e processos ressaltando a transformação de ideias em oportunidades” (DORNELAS, 2008), ou seja, a criação de negócios de sucesso, além

de revelar também a importância do empreender em ideias comerciais, formais ou informais para constituir uma empresa.

O empreendedorismo é a manifestação das ideias que são transformadas em negócios na perspectiva própria de continuidade do ato de empreender. Para Jones G & Wadhvani, D.R (2006) a atitude de aprovação no trabalho específico do empreendedorismo modificou-se ao longo da evolução social onde se percebeu o caráter de investimentos de um indivíduo sobre as ideias. Passou-se, então, a permitir que novos negócios baseados no futuro fossem efetuados.

O termo empreendedorismo, por outro lado, é extensivo tanto às noções de empreender quanto a várias outras atividades, sendo usada mais frequentemente para definir inovação e oportunidade sujeitas a regras. O empreendedorismo é uma forma de atividade particularmente poderosa para estimular a vida social e atividade constitutiva empresarial. De acordo com Mintzberg (200, p. 18) “O empreendedorismo é uma “escola de pensamento”, caracterizada pela formulação de estratégias como um processo visionário. O empreendedor tem pensamentos, atitudes e comportamentos proativos quanto à sua responsabilidade em relação à visão de futuro de sua organização.”

Por outro lado, o empreendedorismo vem difundir com maior intensidade todas as suas ações, tornando-se uma verdadeira filosofia de vida empresarial, já que no surgimento das modernas empresas os indivíduos devem se tornar gestores de conhecimentos para transformar continuamente e sobreviver às mudanças que vêm ocorrendo no ambiente empresarial.

O surgimento do empreendedorismo na escola inicia-se nos Estados Unidos, ao perceber que o termo tem relação direta com educação. Afinal, um dos objetivos da escola, desde a educação infantil, é formar alunos autônomos. Desde cedo, as crianças americanas aprendem a elaborar um plano de negócios, a avaliar oportunidades, têm noções de propaganda e *marketing*, fazem pesquisas de preços, desenvolvem um espírito de liderança e aprendem conceitos básicos para tornarem-se futuros empreendedores.

Coube ao economista Schumpeter (1984,) adotar essa matéria e elaborar uma ementa para academia, onde expõe que o empreendedorismo está na percepção e aproveitamento das novas oportunidades no âmbito dos negócios, sendo o empreendedor uma agente de mudança e inovação na busca do crescimento econômico. Acreditar-se ser possível alterar a curva da estagnação econômica e social por meio da indução de atividades inovadoras, capazes de agregar valores econômicos e sociais.

A educação para o empreendedorismo pode ser definida como a educação com o objetivo de criar um novo produto ou serviço, com valor econômico, particularmente dirigido a pequenas empresas, ao auto emprego e ao desenvolvimento de novas competências. Dessa forma promove a criação de ambientes que estimulam comportamentos sociais voltados para o desenvolvimento da capacidade de geração do próprio emprego

O ser empreendedor está incentivando o aluno de Administração no século XXI, principalmente com a crise do fordismo onde o emprego ficou mais difícil, a criar seu próprio negócio por conceitos como empregabilidade e empreendedorismo, porém as características

empreendedoras, “comprometimento e determinação, liderança, obsessão por oportunidades, tolerância aos riscos, as ambiguidades e incertezas, criatividade, autoconfiança, adaptabilidade e motivação” (Longnekcer,1997, p. 32) não são algo que todas as pessoas estão dispostas a conquistar.

Filion (1992) faz uma síntese do perfil empreendedor, baseado numa pesquisa realizada por ele no mundo: o empreendedor é um ser social, produto do meio em que vive (época e lugar). Se uma pessoa vive em um ambiente empreendedor, ele enxergará isso como algo positivo e se sentirá estimulado a criar seu próprio negócio.

“As principais características da escolarização é não incentivar a criatividade, e muito menos ensina a buscar as respostas” (Illch, 1973, p.32). O aluno quer respostas prontas através dos professores e esses não têm todas as respostas nesse mundo de mudanças rápidas. Logo a busca pela liderança do aluno na escola não existe, o mesmo é muito submisso e nada é autossuficiente. A criatividade é limitada na escola. Dessa forma como criar um aluno empreendedor?

Estratégias para o ensino do Empreendedorismo.

O ensino de empreendedorismo estava inserido dentro do campo de administração e recentemente vem sendo estudado como campo específico do conhecimento e muito mais nas universidades que nas escolas. O caminho do empreendedorismo passa por uma educação no ensino médio, fundamental para mudança de uma cultura que ainda é voltada para o emprego e não para o auto emprego. A necessidade de alunos criativos e conhecedores do ambiente, segundo Dolabela (1999)

Unifitalo em Pesquisa, São Paulo SP, v.10, n.2 abr/2018

sinaliza que o papel do professor deve mudar, abandonando suas antigas funções de mediador do conhecimento. Os papéis professor e aluno são invertidos em muitas ocasiões, onde os alunos são agentes de geração de conhecimento individualizados, transmitindo à sala de aula os conhecimentos que ele próprio gerou e o professor tem a tarefa de induzir o processo de auto aprendizado.

O Duarte (2004) expõe que com a democratização do ensino, a pedagogia uniforme e previamente planejada deixou de funcionar. A atual dinâmica do conhecimento e o legado cultural dos alunos requerem uma postura diferenciada do professor e a preocupação constante em produzir conhecimento e não em reproduzi-lo. Os alunos não podem ser tratados de forma homogênea, pois são diferentes, pensam e agem conforme suas crenças e culturas. Dessa forma, não existem fórmulas previstas de trabalho pedagógico. O professor precisa se adaptar a novas situações e trazer respostas que atendam às necessidades de cada aluno.

As características mais importantes no processo de ensino do empreendedorismo são que o aluno só aprende realizando os seguintes itens: a) Solucionando problemas; b) Fazendo sob pressão; c) Interagindo com pares e outras pessoas; d) Aproveitando oportunidades; e) Copiando outros empreendedores; f) Pelos próprios erros; g) Através do feedback dos clientes (Dolabela, 1999, p. 15).

As práticas pedagógicas que se mostraram mais incentivadoras ao empreendedorismo e para suas principais características foram: a) a solicitação para o desenvolvimento de um produto fictício e; b) solicitação para o desenvolvimento de uma empresa fictícia. As faculdades receberam destaque ainda com a prática da criação de empresas e consultoria Junior, que possibilitam colocar o conhecimento

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.10, n.2 abr/2018

e habilidades em prática enquanto os alunos estivessem no mundo acadêmico, ou seja, antes mesmo de se formarem. O ensino do empreendedorismo não pode ser reduzido ao tecnicismo do plano de negócio, pois o mesmo é apenas uma ferramenta para orientação na criação de uma empresa fictícia. É necessário que o aluno conheça a importância dos conteúdos prévios das pequenas e médias empresas e as dificuldades que enfrentarão ao abrir um negócio através do contato com empreendedores de sucesso na sua região ou cidade. Segundo Arendt (2006) o terceiro ponto da crise da educação é o “aprender a fazer”, onde a teoria deixa de ser importante e o professor é um mero profissionalizante e reproduzidor de conteúdo.

O ensino de línguas ilustra diretamente a estreita ligação entre estes dois pontos: a substituição do aprender pelo fazer e do trabalho pelo jogo. A criança deve aprender falando, quer dizer, fazendo, e não pelo estudo da gramática e sintaxe (Arendt, 2006, p. 193).

Diante dos argumentos expostos, conclui-se que os professores exercem um papel insubstituível no processo de transformação social. Eles devem elaborar com criatividade conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade e tornar-se parceiros-autores na transformação da qualidade social da escola. Cabe então aos professores do século XXI apontar caminhos institucionais para enfrentar as novas demandas do mundo atual com competência do conhecimento, profissionalismo ético e consciência política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se conhece as ligações entre a educação e as esferas políticas e econômicas da sociedade, deve-se abandonar o ideal de alcançar um sistema educacional padrão, diante de uma humanidade que prega uma inclusão isenta de motivação da criatividade em benefício próprio e/ou da sociedade.

Contudo, compreendendo todos os conflitos existentes na situação de se conseguir entrar e permanecer no mercado de trabalho e social, identifica-se que nas escolas o mesmo também acontece, em virtude de um comportamento de ensino sem preparação para enfrentar e solucionar as dificuldades encontradas nas competições de mercado, principalmente no campo de Administração. Cabe aos profissionais da educação encontrar soluções e possibilidades de práticas pedagógicas que permitam desenvolver os indivíduos. Faz-se necessário aprofundar discussões sobre currículo, processo ensino-aprendizagem, avaliação e repensar a formação docente que existe no país.

No ensino do empreendedorismo no Brasil, que é muito recente, é necessário pensá-lo no ensino médio, e não somente na universidade, e é necessário encontrar estratégias na pedagogia como a criação de produtos e empresas fictícias que levem o aluno a conhecer o ambiente e até mesmo a ser dono do seu próprio negócio. Esse aprendizado lhe dá respaldo para entrar com segurança num empreendimento com segurança e reconhecer o ambiente de mercado e suas necessidades, pondo em comparação as vantagens e desvantagens do que pretende

implantar para comercializar antes mesmo de apostar na prática, pois muitos empreendedores sem um conhecimento acadêmico não tem uma bagagem de conhecimento sobre mercadologia e isso é o que pode levar à falência de um empreendimento.

As práticas didático-pedagógicas do ensino de Administração com ênfase no empreendedorismo induzem em muitas ocasiões a uma troca de papéis entre professor e aluno, cujo aluno busca conhecimento e informações fora dos limites da sala de aula e os transmite a seus colegas, colocando o professor como um apoio à sua aprendizagem.

Segundo Ilchi (1973) aprendemos mais fora que dentro da escola e sem dúvida a criação de uma rede é necessária no ensino do empreendedorismo.

Indubitavelmente, existe muito ainda por fazer neste processo. Planejar uma avaliação humanizada que visa a inclusão de alunos inovadores e preparados a oferecer para si próprio e para a sociedade é uma tarefa muito complexa, porém acessível a partir das intervenções supracitadas.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah (2006). A crise na Educação. In: entre o passado e o futuro. Tradução: Mauro W Barbosa de Almeida. 3ª reimpressão da 5ª Ed. São Paulo.

CAPUCHA, Luís Manuel (2011). Acesso Universal a Qualificações Certificadas: Para a Ruptura da Relação entre Insucesso Escolar e Desigualdades Sociais. Fórum Sociológico, 20.

DOLABELA.F. (1999). Oficina do empreendedor. Led.São Paulo: Cultura Editores Associados,1999.

DORNELAS, José Carlos Assis (2001). Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro, Elsevier, 2001.

_____. (2008). Empreendedorismo Corporativo: Como Ser Empreendedor, Inovar e se Diferenciar na sua Empresa. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. XII, 166 p.

DUARTE, J.B. (2004). Pedagogia diferenciada para uma aprendizagem eficaz. Contra o pessimismo pedagógico, uma reflexão sobre duas obras de referência. Revista Lusófona de Educação, número 4, Lisboa, pp.33-50.

FILION, L.J.(1999) Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios .São Paulo: revista de Administração de Empresas - ERA, V34, n2, abril/junho 1999.

FREITAS, J.L. (2010). A Crise na Educação Moderna Segundo Hannah Arendt. Griot: Amargosa/BA, v.2, n.2, 2010.

FREITAS, L.C. (1995). Criticas da organização do trabalho pedagógico e da didática. Campinas, SP: Papyrus, (coleção magistério e trabalho pedagógico);

FORD, H. (1967). Minha Vida e minha Obra. 3º Ed.Trad. de Monteiro lobato, Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, GEYMONAT, L. (1985). Elementos de Filosofia da Ciência. Lisboa: Gradiva.

HUXLEY, A. (1987). Admirável Mundo Novo. Trad. Vidal de Oliveira e Lino Vallandro, Rio de Janeiro. Globo, 15^o Ed.

JONES, G & Wadhvani, D.R (2006) entrepreneurship and business history:renewing the research agenda.Harvard Business school Working paper.Cambridge:Harvard Business school.

ILLICH, Ivan (1973). Sociedade Sem Escolas. Petrópolis, Vozes, 1973.

LONGNGNECKER, Justin G.: Morre, Carlos W.;Petty, J:(1997) Administração de Pequenas Empresas.Tradução de Maria Lúcia G. L. Rosa e Sidney Stancatti. São Paulo: Makron Books

LUKESI, Cipriano Carlo (2003). Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, Susana da Cruz (2012). Crise na Educação e Educação na Crise: o Estado Social e o Financiamento dos Sistemas Educativos na Europa e em Portugal. Universidade do Porto, 2012.

PERREIRA, B. (1964). Origens étnicas e sociais do empresário paulista. ERA- Revista de Administração de empresas,11(4), 83-106.

PERRENOUD, Ph. (2000). Pedagogia Diferenciada. Das intenções à Ação. Porto Alegre:Artmed.

PORTER, Michael E. (1999). Competição: Estratégias Competitivas Essenciais. Rio de Janeiro: Elsevier, ed.13, 1999.

SANTOS, O.J. (1995). Pedagogia dos conflitos Sociais, Campinas, SP: Papyrus. (Coleção Magistério e Trabalho Pedagógico);

RAMOS, L.; REIS, J. G. A. (1997). Emprego no Brasil nos Anos 90. Rio de Janeiro: IPEA, 1997. Texto para discussão nº 468.

RAMOS, S.C. ; FERREIRA, J.M. (2004) Levantamento das práticas e conteúdos do ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em administração na cidade de Curitiba -PR. Encontro da associação nacional de pós graduação e pesquisa em administração, XXVIII, Curitiba. Anais Curitiba.

SAVIANI, Dermeval. (2008). História das ideias pedagógicas no Brasil. 2^o Ed campinas, SP: Autores associados.